

Bretanha Romana

Estudos recentes sobre a
Arqueologia da Bretanha Romana

Pedro Paulo A. Funari

Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

A Arqueologia da Bretanha Romana tem se destacado, nos últimos anos, em diversos campos específicos, resultando numa profusão de estudos sobre a cerâmica romana, por exemplo, a ponto de inaugurar-se a publicação da importante revista *Journal of Roman Pottery Studies*, ou nas inúmeras monografias e artigos a partir das escavações de vestígios de época romana. Dois campos, neste universo, parecem ser particularmente férteis: a interpretação propriamente *arqueológica* da Bretanha e a epigrafia latina da província. Estes dois campos tratam de uma questão central para a Arqueologia contemporânea, a relação entre informação textual e evidência arqueológica, partindo, porém, de pontos diversos. A epigrafia parte, por definição, de um estudo do texto enquanto artefato material e é apanágio de arqueólogos com domínio extensivo e erudito seja da língua seja das técnicas da paleografia. Erudição à antiga, dir-se-ia sem incorreção. Os estudos epistemológicos que buscam um *modelo arqueológico* de leitura da Bretanha Romana, por outro lado, partem de pressupostos diversos: a moderna Arqueologia da Bretanha Romana, herdeira da *New Archaeology* e, agora, Pós-Processual, defende a primazia do registro material sobre o escrito e não dissimula seu desafio e, por que não, desconhecimento e despreocupação para com a documentação escrita.

É neste contexto que cabe discutir o alcance, êxitos e limitações, destas duas abordagens. A obra de Martin Millett *The Romanization of Britain, an Essay in Archaeological Interpretation* (Cambridge, Cambridge University Press, 1992; xvi+255 pp., 95 illustrations, 34 tables) constitui, sem dúvida, a mais completa tentativa de interpretação *arqueológica*, por oposição a interpretação a partir das fontes escritas, da Bretanha Romana. Millett, professor de Arqueologia em Durham, representa o que há de mais criativo na nova geração de arqueólogos britânicos preocupados com metodologia e teoria. As obras modernas referidas somam mais de setecentos trabalhos, incluindo-se teses e outros estudos inéditos, a quase totalidade de arqueólogos. Pouquíssimos historiadores são citados e não há índice de fontes escritas que, embora usadas no corpo do texto, não adquirem qualquer importância intrínseca, dispensando qualquer análise detalhada.

Millett articula seu livro como uma discussão bibliográfica, mais especificamente, como um diálogo com a produção arqueológica clássica sobre a Bretanha Romana. Sua crítica mais contundente a essa tradição acadêmica aparece já no prefácio (p.xvi) ao afirmar que "durante a preparação deste livro, conscientizei-me, paulatinamente, de que as opiniões correntes sobre a questão não se baseiam em evidências, mas são o que se chama de 'factoides'. São dados que, de tanto serem repetidos, acabam por se tornar indistinguíveis

dos fatos". Assim, a visão tradicional encontra-se sempre posta em cheque: o conceito de uma linha fronteira claudiana junto ao *Fosse Way* é considerado anacrônico; o modelo de surgimento de cidades romanas a partir de *uici* de fortes abandonados na ofensiva rumo ao norte e ao oeste é considerado incompatível com o modelo arqueológico de sociedade proposto pelo autor; ou, ainda, o uso de artesãos militares em obras civis, proposto pelo deão da Arqueologia da Bretanha Romana, Frere, é considerado altamente improvável pelo reestudo das evidências arqueológicas. Embora nem todas as contestações propostas por Millett possam ser aceitas sem estudos detalhados posteriores, nem seus modelos aceitos integralmente, não se pode deixar de ressaltar a utilidade do questionamento dos esquemas interpretativos vigentes, *in dubio scientia*.

Os modelos interpretativos propostos por Millett são representados, graficamente, por esquemas, diagramas que procuram explicar os modelos de sociedade centralizada e descentralizada (p.49) ou as diferenças entre o modelo tradicional (Webster) e o novo modelo proposto por Millett (p.75) de formação das cidades romanas. Outras técnicas muito usadas pelo autor são os gráficos e os mapas de distribuição de edifícios e de artefatos. Todos estes recursos analíticos podem ser considerados típicos da moderna Arqueologia britânica e constituem tanto instrumentos analíticos como *didascalía* úteis. Na verdade, os modelos interpretativos propostos por Millett destacam-se como o ponto alto da obra, sendo particularmente engenhosos na estruturação dos quatro tipos de sociedades resultantes do impacto romano (p.100).

As principais limitações do modelo arqueológico proposto referem-se à subutilização das evidências textuais e ao descaso para com a bibliografia histórico-literária, especialmente em língua estrangeira (não são citadas obras em francês, alemão ou italiano). Tácito poderia ser utilizado mais amplamente para confirmar certas afirmações de Millett como, por exemplo, a respeito do caráter comercial de Londres (pp.85-91; cf. Tác. Ann.XIV,33: *Londinium perrexit, cognomento quidem coloniae non insigne, sed copia negotiatorum et commeatum maxime celebre*). As fontes escritas não contam com um exame crítico *enquanto textos a serem interpretados* e estudos histórico-literários esclarecedores são ignorados, como *Agricola and Roman Britain* de A. R. Burn (Londres, English Universities Press, 1953), para citar apenas um caso. As análises de Monique Clavel-Lévêque sobre a construção do discurso, nas fontes literárias, sobre as províncias seriam muito úteis não tanto para questionar os modelos propostos por Millett mas, ao contrário, para torná-los mais sólidos.

Isto conduz à questão central do estatuto epistemológico dos modelos arqueológicos apresentados. Millett, sabiamente, não os apresenta *em contraposição* às fontes escritas nem, muito menos, *como verdades a serem aceitas*. Questiona os modelos correntes e apresenta novas propostas interpretativas como hipóteses a serem discutidas. O problema desta abordagem reside, precisamente, no esquecimento deste caráter provisório, moderado, hipotético, dos modelos propostos. Assim, corre-se o risco de imaginar uma oposição entre fontes escritas e materiais, procurando o arqueólogo moderno, que não domina as primeiras, demonstrar uma suposta primazia da documentação arqueológica. Inspirados em Millett, alguns arqueólogos acabam por cair nessa armadilha, defendendo a supremacia dos dados arqueológicos, esquecendo-se da inevitável *articulação* de fontes escritas e materiais. *Un dottor della mia sorte non si lascia inginochiare*, como diria Bartolo (*Il Barbiero di Siviglia*), orgulho perigoso que tenta seja contrapor modelos arqueológicos aos textos antigos seja torná-los *verdadeiros* (cf. Simon Keay, The 'Romanisation' of Turdetania, *Oxford Journal of Archaeology*, 11,3,1992,275-315). Embora o livro de Millett não se deixe levar por estas falsas aporias e soluções, não se pode deixar de assinalar as conseqüências de uma leitura ingênua da hermenêutica de Millett.

No outro extremo da Arqueologia britânica contemporânea, encontram-se os epígrafas e paleógrafos. A erudição histórica, filológica, literária e técnica são indispensáveis para o trabalho destes arqueólogos. A família Birley representa, de forma exemplar, esta tradição arqueológica: o professor Eric Birley pode ser considerado, aos noventa anos de idade, um clássico, seus dois filhos Anthony e Eric responsáveis, também, por importantes trabalhos arqueológicos. O livro *Vindolanda, Reports on the auxiliaries, the writing tablets, inscriptions, brands and graffiti* (Vindolanda Research Reports, New Series, volume II, The

Early Wooden Forts, Bardon Mill, Roman Army Museum Publications, 1993, 126pp.+ 28 plates), com textos dos três autores, representa, juntamente com o livro de Robin Birley, *The Roman Documents from Vindolanda* (Newcastle upon Tyne, Roman Army Museum Publications, 1990, 34pp.), pontos altos paradigmáticos. Este último apresenta, para o grande público, o material epigráfico único proveniente do forte romano, junto ao Muro de Adriano, Vindolanda (Chesterholm, Northumberland), destacando os materiais usados para escrever (tabuinhas), a escrita cursiva, a correspondência e outros documentos.

As informações provenientes destes documentos paleográficos podem ser descritas como *detalhes e minúcias* com implicações, contudo, de grande alcance. O mais antigo manuscrito feminino em latim, excetuando-se os grafites pompeianos, datado de cerca 100 d.C., constitui um manancial riquíssimo de dados. Trata-se de um convite de Cláudia Severa, esposa de Élio Broco, a Sulpícia Lepidina, esposa do comandante Flávio Cereal, *praefectus* da Nona Côrte dos Batavos, cidadão romano de segunda geração, para a festa de seu aniversário: "<escrito pelo escriba:>Cláudia Severa para sua Lepidina, saudações. Convido-a, irmã, para a celebração do meu aniversário, no dia 11 de setembro, sua presença tornará o dia mais agradável. Saudações ao teu marido Cereal. Meu Élio manda saudações a ti e aos filhos.<escrito de próprio punho pela senhora:> Espero-te, irmã. Adeus, irmã, alma minha, caríssima, salve."

Paleograficamente, a carta apresenta as grafias elegante do escriba e a titubeante escrita da senhora. A publicação original da carta por A.K. Bowman e J.D. Thomas (New texts from Vindolanda, *Britannia*, 18, 1987, 137) propunha a leitura, no meio do texto, *Aelius meus <> et filiulus salutant* ("meu marido Élio e o filhinho saúdam <>"), Robin Birley preferia *Aelius meus te et filios salutat* ("meu marido Élio envia saudações a ti e aos filhos"), enquanto Anthony Birley acha mais apropriado *Aelius meus <uos> et filios salutat* ("meu marido Élio envia saudações a vós e aos filhos"). O uso de *filiulus* parece improvável, paleograficamente, e a frase tal como proposta por Bowman e Thomas implicariam que o marido e um filhinho mandariam saudações algo que, se aceite, indicaria uma excepcional importância do garotinho. Parece mais provável a leitura de Anthony Birley, excluindo-se, talvez *uos* e considerando-se *et* com o sentido de "também" (cf. *et tu salve*): "meu marido Élio manda saudações também para os filhos". Neste caso, embora menos marcadamente, as crianças adquirem uma certa importância, como destinatárias de uma saudação específica.

Estes detalhes, aparentemente irrelevantes, tocam questões de fundo sobre a sociedade romana, em particular, permitem repensar as relações de gênero e etárias na sociedade romana. As crianças aparecem, nesta documentação militar, com certa frequência (*pueri, filii*) e demonstram uma preocupação dos pais para com o bem estar da prole. Assim, uma carta de Cereal pedindo *ut ea quae ussibus puerorum meorum sunt mittas mihi* ("que me envie o que é necessário para o uso dos meus meninos") fornece um excelente contraponto a generalizações do tipo "a distância entre pais e filhos era vertiginosa" (Paul Veyne, *História da Vida Privada, vol.1*, São Paulo, Cia da Letras, 1990, p.30). Também o uso do termo *Brittunculi* ("bretoizinhos"), até o momento um *hapax*, referindo-se seja aos inimigos além-fronteira seja aos aliados dos *auxilia*, constitui um dado importante sobre a relação entre romanos e indígenas na Bretanha Romana, tema tratado extensamente por Millett, na medida em que o uso do diminutivo implica, a um só tempo, familiaridade e calculada distância dos romanos em relação aos nativos.

Anthony Birley cita H. Petersmann (Zu den neuen vulgärlateinischen Sprachdenkmalern aus dem roemischen Britannien. Die Taefelchen von Vindolanda, in M.Iliescu & W. Marxgut, eds., *Latin vulgaire - latin tardif III, Actes du Illeme Colloque international sur le latin vulgaire et tardif*, Innsbruck, 2-5 septembre 1991, 1992, p.291) ao afirmar que "pode confirmar-se que estes documentos de Vindolanda, quando inteiramente publicados, estarão entre as mais importantes fontes de informação para o Latim popular". Além desses documentos, J.N. Adams tem publicado as tabuinhas encontradas em Bath, adicionando preciosos dados sobre o uso do latim pelas camadas populares na Bretanha (British Latin: the text, interpretation and language of the Bath curse tablets, *Britannia*, xxiii,

1992, 1-26). Também Roger S.O. Tomlin publicou (*Britannia*, xxiii,1992, 310-1) uma importante placa de chumbo encontrada no santuário de Mercúrio em Uley, datada, provavelmente, do segundo século d.C. A carta, escrita por um popular ao deus Mercúrio, demonstra o grau de alfabetização e de romanização de um homem simples, Honorato. Queixa-se ao deus de um roubo de duas rodas, quatro vacas e diversas coisinhas de seu casebre, atestando sua condição social modesta. O uso de coloquialismos ou popularismos como *resculas* (coisinhas) ou *de hospitiolo meo* (do meu casebre), assim como diversas irregularidades sintáticas, em relação à norma culta, não deixam dúvida quanto à difusão do uso do latim na Bretanha, complementando as parquíssimas referências a respeito em Millett (p.110).

Outros importantes documentos epigráficos publicados referem-se ao exército romano na província. Roger S.O. Tomlin publicou em *Britannia* (xxiii, 1992, 141-158) um contrato de empréstimo de um soldado, datado de 7 de novembro de 83 d.C. cuja importância maior reside, justamente, em mostrar o uso da moeda e do empréstimo na economia romana, *mesmo junto ao limes e no interior do exército* (cf. Millett, *The developed economy*, pp.157-180, cuja atenção passa ao largo do uso da moeda e do empréstimo no exército). Outros dois documentos, provenientes de Vindolanda, foram publicados por A.K. Bowman, J.D. Thomas e J.N. Adams (*Britannia*, xxi, 1990, 33-52) e apresentam mais dados concretos sobre o comércio e as trocas monetárias nos acampamentos fronteiriços romanos.

Todos estes trabalhos apresentam uma contribuição essencial ao conhecimento da Bretanha romana ao publicarem e estudarem documentos inéditos repletos de informações. Sua principal limitação refere-se à predominância absoluta do estudo minucioso em relação à interpretação da sociedade romana como um todo. Esta tarefa, deixada a cargo de divulgadores, acaba não sendo realizada a contento, pois a complexidade dos temas e das técnicas envolvidas afastam tanto arqueólogos, como Millett, que não dominam essas sutilezas, como historiadores, preocupados com a "grande História". Os dois grandes ramos da Arqueologia da Bretanha Romana, arqueólogos *tout court*, de um lado, e epigrafistas, de outro, seguem caminhos paralelos mas pouco complementares. Millett, por exemplo, é regularmente ignorado por seus colegas epigrafistas, enquanto aquele deixa de utilizar um sem número de trabalhos especializados que serviriam para confirmar, para redirecionar e, até mesmo, negar seus modelos. O fosso que separa ambas as correntes ameaça a própria unidade do objeto tratado, dando a impressão que dois modelos de Bretanha Romana possam vir a conviver, lado a lado, sem tomar conhecimento mútuo. Embora Millett construa seu discurso em oposição ao que seria uma visão tradicional, ao admitir que "todas as fontes antigas foram usadas em tradução já que não sou um classicista" (p.231), torna suas posições muito pouco atrantes para aqueles que dominam e avaliam ser indispensável o uso das evidências escritas. Por sua parte, o caráter altamente minucioso dos estudos paleográficos afasta qualquer arqueólogo bem intencionado mas desconhecedor das técnicas básicas ali empregadas no estudo da língua e da escrita.

O estudo arqueológico da Bretanha Romana encontra-se, pois, em uma encruzilhada. A persistência desse fosso tenderá a produzir duas imagens falsamente contrastantes de um único objeto de estudo. Sua superação exigiria um esforço, por parte de ambas as correntes, no sentido de dialogarem e incorporarem paradigmas diversos em seus discursos. Embora esta seja uma tarefa difícil, a Arqueologia Britânica tem produzido tanto grandes teóricos quanto especialistas e, neste sentido, encontra-se em posição particularmente privilegiada para efetuar essa integração.